

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL
NÚCLEO DE EDUCAÇÃO A DISTANCIA
GRADUAÇÃO DE LICENCIATURA EM LETRAS PORTUGUÊS**

MARIA DO ROSÁRIO SILVA

**A IMPORTÂNCIA DE MONTEIRO LOBATO PARA A CONSTRUÇÃO DA
LITERATURA INFANTO JUVENIL BRASILEIRA**

ELESBÃO VELOSO – PI

2024

MARIA DO ROSÁRIO SILVA

**A IMPORTÂNCIA DE MONTEIRO LOBATO PARA A CONSTRUÇÃO DA
LITERATURA INFANTO JUVENIL BRASILEIRA**

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura Plena em Letras Português, modalidade EAD, da Universidade Estadual do Piauí, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras Português.

Orientador: Prof. Francisco Wilton Ribeiro de Carvalho

ELESBÃO VELOSO – PI

2024

MARIA DO ROSÁRIO SILVA

**A IMPORTANCIA DE MONTEIRO LOBATO PARA A CONSTRUÇÃO DA
LITERATURA INFANTO JUVENIL BRASILEIRA**

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura Plena em Letras Português, modalidade EAD, da Universidade Estadual do Piauí, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras Português.

Orientador: Prof. Me. Wilton Ribeiro de Carvalho

Aprovada em: ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Me. Francisco Willton Ribeiro de Carvalho - NEAD/UESPI
Presidente

Prof. Dra. Maria Suely de Oliveira Lopes – NEAD/UESPI
Primeiro Examinador

Prof. Dra. Márcia do Socorro da Silva Pinheiro NEAD/UESPI
Segundo Examinador

RESUMO

Este trabalho aborda a relevância de Monteiro Lobato na formação da literatura infanto-juvenil brasileira, destacando sua contribuição pioneira na criação de histórias e personagens que conquistaram o público jovem e incentivaram o hábito da leitura entre crianças e adolescentes. A pesquisa, de caráter bibliográfico e qualitativo, investiga a historiografia literária do autor e as análises críticas de seu impacto, além das controvérsias que envolvem suas obras. Lobato foi responsável por transformar a literatura infantil no Brasil ao incorporar elementos do folclore, como o Saci, e ao tratar de temas educacionais e culturais de forma envolvente e acessível para os jovens leitores. Sua habilidade em mesclar fantasia e realidade criou uma literatura capaz de dialogar com os dilemas da sociedade, incentivando o pensamento crítico nas novas gerações. No entanto, sua obra também enfrenta críticas, principalmente no que tange à reprodução de estereótipos raciais e culturais, como a representação da personagem Tia Nastácia. Tais críticas geram debates sobre o papel da literatura na manutenção de estigmas sociais e a importância de uma leitura crítica das obras de autores consagrados. Além disso, as polêmicas sobre as ideias políticas de Lobato, que se expressaram em alguns de seus textos e posicionamentos públicos, alimentam discussões sobre os limites da arte e a relação entre o autor e suas obras. Apesar das controvérsias, a importância de Monteiro Lobato para a formação do público leitor infanto-juvenil e sua contribuição para o desenvolvimento da literatura infantil brasileira são inquestionáveis, uma vez que ele introduziu um modelo literário que une fantasia, cultura nacional e educação. Sua obra continua a influenciar gerações de leitores e escritores, sendo considerada essencial para o entendimento do processo de construção de uma literatura infanto-juvenil brasileira, com uma relevância que persiste até os dias atuais.

Palavras-chave: Monteiro Lobato. Literatura Infanto-juvenil. Críticas Culturais. Historiografia literária

.

ABSTRACT

This work addresses the relevance of Monteiro Lobato in the formation of Brazilian children's literature, highlighting his pioneering contribution in the creation of stories and characters that won over young audiences and encouraged the habit of reading among children and adolescents. The research, of a bibliographic and qualitative nature, investigates the author's literary historiography and critical analyzes of his impact, in addition to the controversies surrounding his works. Lobato was responsible for transforming children's literature in Brazil by incorporating elements of folklore, such as Saci, and by dealing with educational and cultural themes in an engaging and accessible way for young readers. His ability to mix fantasy and reality created literature capable of dialoging with society's dilemmas, encouraging critical thinking in new generations. However, his work also faces criticism, especially regarding the reproduction of racial and cultural stereotypes, such as the representation of the character Tia Nastácia. Such criticisms generate debates about the role of literature in maintaining social stigmas and the importance of a critical reading of the works of renowned authors. Furthermore, the controversies surrounding Lobato's political ideas, which were expressed in some of his texts and public positions, fuel discussions about the limits of art and the relationship between the author and his works. Despite the controversies, Monteiro Lobato's importance for the formation of the children's reading public and his contribution to the development of Brazilian children's literature are unquestionable, since he introduced a literary model that unites fantasy, national culture and education. His work continues to influence generations of readers and writers, being considered essential for understanding the process of building Brazilian children's and youth literature, with a relevance that persists to this day.

Keywords: Monteiro Lobato. Children's and Young Adult Literature. Cultural Criticism. Literary Historiography

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
1 A FORMAÇÃO DA LITERATURA INFANTO JUVENIL	9
1.1 Literatura Infanto Juvenil: pressupostos teóricos	9
1.2 Monteiro Lobato e a renovação da literatura infanto juvenil	17
2 MONTEIRO LOBATO E A CONSTRUÇÃO DA LITERATURA INFANTO JUVENIL BRASILEIRA	22
2.1 Monteiro Lobato: uma biografia	22
2.2 As principais críticas a obra de Lobato	29
2.3 A construção da literatura infanto juvenil a partir de lobato	32
2.4 De racismo a xenofobia: visões sobre a obra hoje	36
3 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	41
REFERENCIAS.....	44

INTRODUÇÃO

A literatura infantil no mundo surgiu a partir do século XVII, porém no Brasil começou a surgir no século XX, através de obras como *O patinho feio*, e posteriormente com um dos seus grandes representantes, Monteiro Lobato e obras como o icônico *Sítio do pica pau amarelo*. Até esse período, as histórias infantis eram raras e, quando disponíveis, geralmente consistiam em adaptações simplificadas de obras adultas, sem um foco real nas necessidades e interesses do público jovem. A infância era considerada por muito tempo apenas uma preparação para vida adulta e conduta em sociedade, assim as obras não despertavam a imaginação infantil, apenas lhes ensinava os costumes da época.

Foi nesse cenário ainda pouco utilizado que Monteiro Lobato se destacou como um dos pioneiros da literatura infanto-juvenil no Brasil. Percebendo a necessidade de criar histórias que despertassem a imaginação das crianças, utilizando uma linguagem acessível e personagens cativantes, como Emília e o Visconde de Sabugosa, personagens inicialmente inanimados, que ganham vida nas suas histórias. Além de entreter, suas obras estimularam o pensamento crítico dos jovens leitores. Sendo assim observa-se a seguinte problemática: Quais os impactos de Monteiro Lobato para a literatura infanto-juvenil brasileira, em seus pontos positivos e negativos?

Buscando elucidar estes pontos esta pesquisa tem como objetivo geral investigar o papel fundamental de Monteiro Lobato na formação e consolidação da literatura infanto-juvenil brasileira, destacando sua contribuição para a promoção da leitura, desenvolvimento da identidade cultural e educacional das crianças, e seu impacto duradouro na literatura e na sociedade brasileira, tendo como objetivos específicos apresentar uma contextualização e definição do que constitui a literatura infanto-juvenil; analisar as principais contribuições de Monteiro Lobato dirigidas ao público infanto-juvenil, identificando os elementos literários, culturais e pedagógicos nelas presentes; discutir a recepção crítica das obras de Monteiro Lobato, incluindo elogios e críticas, bem como o debate em torno de questões de preconceito em algumas de suas histórias; entender a importância de incorporar as obras de Monteiro Lobato para promover o gosto pela leitura e a compreensão da literatura nacional entre os alunos.

Este trabalho, com base em uma pesquisa bibliográfica qualitativa, utilizando trabalhos de Lopes (2012), Estrela (2016), Hinterlang (2012) entre outros, explora a

importância de Lobato para a formação do público leitor infantil e analisa as críticas dirigidas às suas obras, especialmente no que tange a preconceitos raciais e culturais. Lobato não só transformou a literatura brasileira, mas também desempenhou um papel central na formação de uma nova geração de leitores. Ademais, abordar o racismo presente em algumas de suas obras é essencial para que esse tema seja compreendido de maneira crítica e educativa. Não se trata de apagar ou ignorar os aspectos problemáticos, mas de utilizá-los como ferramentas pedagógicas para promover discussões que combatam preconceitos e contribuam para a formação de uma sociedade mais consciente e inclusiva. Essa perspectiva enriquece o estudo de Monteiro Lobato e reforça a importância de sua obra como um marco literário que pode ser analisado sob múltiplos olhares.

1 A FORMAÇÃO DA LITERATURA INFANTO JUVENIL

1.1 Literatura Infanto Juvenil: pressupostos teóricos

O ator de escrever surgiu pela necessidade de deixar registrado algo, para ser lembrado, para servir de ensinamento para os demais indivíduos daquela comunidade, sociedade, e para as futuras gerações saberem o que deveria ser feito ou simplesmente como era ser feito. Segundo Coelho (1993) apud Hinterlang (2012, p. 32)

A literatura revela-se ser uma atividade necessária para observar e compreender o espaço em que se vive. Sabe-se que o homem, desde que teve condições de organizar seus pensamentos de modo inteligível, buscou registrar e transferir para as gerações futuras experiências e modos de vida e, essa socialização, por muitas vezes, deu-se por meio da literatura oral ou escrita.

Ao se falar do surgimento da literatura infanto-juvenil tem-se também que entender a dimensão do que seja de fato literatura e como a mesma possui em determinadas épocas com objetivos distintos. A literatura, em seus primórdios, surgia como uma ferramenta para preservar a memória coletiva e as tradições de um povo.

Estudar o percurso da literatura pelos tempos, representa poder compreendê-la melhor em alguns aspectos. Inicialmente, a história da literatura revela que o valor e o significado de um texto literário dependiam de estar associado ou não a um fato da realidade. Posteriormente, uma nova concepção é apresentada, e sua importância se dá por questões que envolvem aspectos formais e artísticos, o que lhe confere certo grau de independência na esfera social. Entretanto, hoje, sabe-se que, para compreender o valor de uma obra, é necessário considerar os elementos presentes no texto e contexto de modo a produzir efeitos sobre os sujeitos ao modificar ou reforçar valores. (Hinterlang, 2012, p. 28)

A fala acima leva a refletir sobre a evolução da compreensão da literatura ao longo do tempo. Inicialmente, o valor de uma obra literária estava muito ligado à sua conexão com fatos reais. Ou seja, a literatura era vista quase como um reflexo direto da realidade, e seu significado dependia dessa relação. Com o tempo, essa visão se transformou, e as obras passaram a ser valorizadas também pelos seus elementos formais e artísticos, concedendo-lhes uma independência maior em relação à realidade social imediata.

No sentido mais amplo, literatura é tudo o que é impresso (ou mesmo manuscrito), são todos os livros que a biblioteca contém (incluindo-se aí o que se chama literatura oral, doravante consignada). Essa acepção corresponde à noção clássica de belas letras as quais correspondiam a tudo o que a retórica e a poética podiam produzir, não somente a ficção, mas também, a história, a filosofia e a ciência e ainda, toda a elegância (Compagnon, 2003, p.31).

A citação de Compagnon (2003) destaca uma visão ampla de literatura, abrangendo não apenas obras de ficção, mas também textos de outras áreas do conhecimento, como história, filosofia e ciência. Nesse sentido, a literatura não se limita ao entretenimento ou à narrativa ficcional, mas inclui qualquer produção escrita, impressa ou oral, que apresente valor estético ou intelectual. Essa concepção clássica, ligada às "belas letras", ressalta a importância da retórica e da poética como expressões do pensamento humano em diferentes campos do saber. A elegância da forma, seja no conteúdo científico ou filosófico, é igualmente valorizada, ampliando o conceito de literatura para além do que se costuma considerar apenas ficção literária.

A leitura é vista como uma atividade fundamental para entender e interpretar o mundo ao nosso redor. Desde que o ser humano conseguiu organizar seus pensamentos de maneira clara, ele sempre procurou registrar suas vivências e transmiti-las para as próximas gerações, seja por meio da literatura oral ou escrita. Além disso, os livros literários, em particular, desempenham um papel crucial na formação de leitores conscientes na sociedade atual, pois permitem uma compreensão profunda e diversificada da experiência humana. Muitos estudiosos já reconhecem a literatura como uma poderosa ferramenta para ajudar as pessoas a refletirem sobre a vida e o mundo em que vivem (Coelho, 2000).

Segundo Bordini e Aguiar (1988), apud Hinterlang (2012), o texto literário oferece ao leitor a capacidade de se desvincular da realidade concreta e de se envolver em uma experiência imaginativa, criando um mundo alternativo ao real. Esse novo mundo é composto de lacunas que demandam a interação ativa do leitor, que as preenche com base em suas próprias vivências.

Ler ou contar histórias vai muito além do que simplesmente dizer as palavras de um texto escrito ou oral. A narração, seja ela feita de memória ou lida, precisa mostrar que quem narra entende que uma história não é feita apenas de palavras escritas, mas de imagens articuladas numa narrativa capazes de nos transportar para outros mundos. (Brasil, 2024, p. 2)

A leitura ou contação de histórias envolve mais do que a simples repetição de palavras. Para que uma história ganhe vida, o narrador precisa compreender que, além das palavras, há uma construção de imagens e sentidos que envolvem o ouvinte ou leitor de maneira profunda. A verdadeira essência da narração está na capacidade de criar uma experiência imersiva, onde as palavras servem como porta de entrada para mundos imaginários. Assim, a história ganha força quando o narrador se conecta com seu conteúdo, transmitindo emoções e permitindo que quem escuta ou lê viaje por esses cenários criados pela narrativa. É justamente essa característica que diferencia a literatura de outros tipos de texto, pois proporciona liberdade ao leitor ao permitir o acesso a um universo rico em informações. Segundo Filho (2007) apud Lopes (2012, p. 11)

A literatura utiliza a linguagem de forma que o autor tem liberdade para desenvolver sua própria narrativa, expressando sentimentos e ideias. Assim, a linguagem literária ganha vida própria, à medida que o autor se expressa de maneira livre por meio da obra. Dessa forma, a literatura passa a incorporar novas representações e significados da realidade, possibilitando a criação de novos mundos

No entanto, hoje reconhecemos que o valor de uma obra literária vai além dessa simples separação entre realidade e arte. Para entender completamente uma obra, é preciso olhar tanto para os aspectos internos do texto – como a forma, o estilo e a estrutura – quanto para o contexto em que foi criada e recebida. Isso porque a literatura tem o poder de influenciar e transformar as pessoas, ao reforçar ou desafiar os valores da sociedade em que está inserida. Assim, a análise literária contemporânea busca equilibrar a consideração de elementos artísticos e contextuais para entender os efeitos que a obra pode ter sobre seus leitores.

Grandes epopeias, como A Odisseia de Homero do século VIII, embora repletas de aventuras, eram também carregadas de lições morais e éticas, sem a intenção de segmentar o público por idade. A educação formal, até a Idade Média, era privilégio da elite, e os poucos textos disponíveis para crianças – se é que se pode chamá-los assim – tinham um propósito claro: ensinar regras de comportamento e religião. Segundo Philippe Aries, um dos pioneiros no estudo da infância, "a infância, como uma fase separada da vida, foi uma descoberta da modernidade" (Aries, 1981, p. 128). Para ele, as crianças eram tratadas, durante muito tempo, como adultos em miniatura, com poucas obras ou considerações específicas voltadas para essa etapa.

A literatura infanto-juvenil, como conhecemos hoje, é um fenômeno relativamente recente na história literária. Antes do século XVIII, não havia uma clara distinção entre a literatura voltada para adultos e aquela destinada às crianças e adolescentes. Na verdade, as histórias contadas às crianças eram muitas vezes as mesmas destinadas aos adultos, carregadas de moralidades severas e temas complexos. Como mesmo ressalva Khéde (1986, p. 16; 20 apud Santos, 2021, p.6).

Contar história é uma arte que nasceu antes da história e tem na oralidade seu passado mais distante. A literatura infanto-juvenil surge, pois, da arte de recriar as fantasias da memória popular. Na antiguidade clássica os contos tradicionais eram, na maioria dos casos, representados por adultos com função moralizante de educar, corrigir e zelar pela formação das crianças, e, por isso, modelos tachados de heróis, anti-heróis ou vilões que misturavam realidade e fantasia, de modo a atender aos interesses da sociedade de uma época.

Os primeiros sentimentos ligados à infância começaram a surgir no século XVI, especialmente dentro da família. Foi no século XVII que homens ligados à religião e à lei, além de moralistas, passaram a refletir sobre as necessidades infantis e a buscar, segundo suas ideias, maneiras de atender a essas demandas. Esse entendimento inicial de infância, que valorizava o afeto e os cuidados, entretanto, beneficiava apenas as crianças da burguesia, enquanto as crianças das classes populares eram destinadas ao trabalho e não recebiam esses mesmos cuidados. No século XVIII, a visão pedagógica de Rousseau trouxe uma nova perspectiva, enxergando a criança como um ser ativo, com sua própria inteligência e características únicas, o que impulsionou um avanço na compreensão da infância.(Ariés apud Santos, 2021)

As crianças e os jovens, no passado, não eram vistos como capazes de formar suas próprias opiniões e raramente participavam de decisões, até mesmo em histórias de fantasia. Nessas narrativas, havia sempre um personagem "salvador" que assumia a responsabilidade de protegê-los, tomando decisões por eles. Isso refletia a visão da sociedade de que as crianças eram incapazes de agir de acordo com as normas e crenças daquele período.

A literatura infantil surgiu no século XVII com Fenélon (1651-1715), justamente com a função de educar moralmente as crianças. As histórias tinham uma estrutura maniqueísta, a fim de demarcar claramente o bem a ser aprendido e o mal a ser desprezado. A maioria dos contos de fadas, fábulas e mesmo muitos textos contemporâneos incluem-se nessa tradição.(Silva, 2008, p.2)

A afirmação acima reflete o surgimento da literatura infantil no século XVII, em um contexto onde o principal objetivo era educar moralmente as crianças. Autores como Fenélon trouxeram narrativas que, além de entreter, tinham a clara intenção de ensinar lições sobre o que é certo e errado, usando uma estrutura maniqueísta, o bem e o mal eram apresentados de forma muito distinta. Essa abordagem buscava facilitar a compreensão das crianças sobre quais comportamentos e valores deveriam seguir, reforçando virtudes e condenando atitudes negativas.

Contos de fadas e fábulas, que continuam a fazer parte do imaginário infantil, são exemplos dessa tradição. Nessas histórias, o bem quase sempre vence, e o mal é punido, transmitindo mensagens de justiça, coragem e bondade. Embora essas narrativas pareçam simples, elas exercem um papel fundamental no desenvolvimento do senso moral das crianças, moldando sua percepção de mundo.

Com o tempo, os personagens dessas histórias começaram a se tornar mais próximos da realidade, enfrentando dilemas relacionados à transição da infância para a adolescência, assim como questões mais concretas envolvendo preferências e decisões juvenis. No entanto, definir o que é literatura infanto-juvenil ainda é algo complexo. Por um lado, há aqueles que afirmam que esse tipo de literatura deve ser estritamente direcionado à faixa etária indicada no texto. Por outro, existem os que defendem que a literatura infanto-juvenil é aquela que atrai o interesse de crianças e jovens, independentemente do conteúdo, classificando a obra dentro desse gênero.

A defesa da produção literária especialmente dirigida ao público infantil ganhou força com a construção do moderno conceito de infância no século XVIII. A partir daí a própria infância passa a obter maior atenção dos diversos saberes, num debate em que a pedagogia ganha destaque especial. Assim, a partir do século XIX o número de publicações escritas para crianças não parou mais de crescer - muito em função da instituição escolar - a ponto de hoje, ela ser a maior fatia do mercado editorial brasileiro, consolidando assim a ideia de uma literatura infantil com suas obras e tradição específicas como uma realidade. (ITAÚ Cultural, 2020, p.01)

À medida que a criança passa a ser reconhecida no contexto social, surgem produtos direcionados a esse público. Quando se compreende que os direitos das crianças precisam ser respeitados e que é essencial garantir seu desenvolvimento, setores como a literatura começam a produzir materiais mais voltados para elas. Embora inicialmente não se criem obras para grandes leitores, o foco passa a ser o público infanto-juvenil. Um momento significativo na literatura para esse público foi em 1967 quando Charles Perrault, publicou uma pequena coleção de contos que ele

adaptou especialmente para as crianças da corte real. Esses contos foram escritos em forma de prosa ou em versos cuidadosamente elaborados e sempre acompanhados de uma lição moral. Apesar de ter incluído apenas 11 contos de fadas, Perrault deixou uma marca duradoura ao immortalizar histórias como Chapeuzinho Vermelho, A Bela Adormecida e O Pequeno Polegar, estabelecendo uma ligação profunda entre seu nome e o gênero dos contos de fadas. (Machado, 2002)

Nesse momento, houve uma valorização das narrativas populares como parte essencial da cultura e identidade de um povo, refletindo um esforço para preservar e difundir essas tradições. Ao contrário de Perrault, que produziu contos para a aristocracia, os irmãos Wilhelm e Jacob Grimm buscaram uma abordagem mais ampla e inclusiva, focada na coletividade e na cultura popular alemã.

[...]em 1802, na Alemanha, foi feita outra coletânea dessas histórias populares. Muito mais extensa e completa, reunia 210 contos. Organizados por Wilhelm e Jacob Grimm, dois irmãos que eram pesquisadores e filólogos, além de escritores, essa antologia tinha outra grande diferença em relação a obra de Perrault: não se destinava à leitura da corte, mas tinha como objetivo preservar um patrimônio literário tradicional do povo alemão e colocá-lo ao alcance de todo o mundo. Essa intenção era evidente desde o próprio título do livro *Contos Para o Lar e as Crianças* [...] (Machado, 2002, p.71)

A citação destaca a contribuição dos irmãos Grimm para a literatura infantil e a cultura popular alemã. Ao contrário de Perrault, cuja obra era voltada para a elite da corte, os Grimm tinham uma intenção mais ampla e cultural, eles queriam não apenas entreter, mas também preservar as tradições e o patrimônio literário do povo. A coletânea deles, *Contos para o Lar e as Crianças*, publicada em 1802, refletia essa proposta ao reunir um impressionante conjunto de 210 contos populares. Esse esforço não apenas consolidou a importância dessas histórias para o público geral, mas também contribuiu para a valorização da herança folclórica alemã e para a disseminação de narrativas que se tornaram universais.

A literatura infanto-juvenil permite que a criança explore o mundo através da fantasia, do lúdico, do mágico e dos sonhos, estimulando sua imaginação e incentivando o desenvolvimento da liberdade de pensamento e da criatividade. Por meio dessa forma de literatura, a criança cria uma conexão harmoniosa entre o imaginário e o real, o que contribui para uma melhor compreensão do mundo adulto e para a resolução de seus próprios conflitos internos. “A literatura infantil é também ludismo, é fantasia, é questionamento, e dessa forma consegue ajudar a encontrar

respostas para as inúmeras indagações do mundo infantil, enriquecendo no leitor a capacidade de percepção das coisas” (Frantz, 2001, p. 16).

O filósofo Jean-Jacques Rousseau, em seu influente tratado *Emílio ou Da Educação*, publicado em 1762, defende a ideia de que as crianças devem ser educadas de acordo com sua natureza, respeitando suas etapas de desenvolvimento. Ele acreditava que os livros, principalmente, deveriam ser pensados para atender às necessidades de aprendizagem das crianças, defendendo que as crianças não eram como os adultos e tinham suas particularidades que deveriam ser observadas e consideradas (Cabral, 2024). Este pensamento pavimentou o caminho para uma literatura que considerasse a infância como um período de formação distinto e, por isso, demandava obras voltadas especificamente para este público.

Foi no século XIX, com o fortalecimento do mercado editorial e o avanço da alfabetização, que começaram a surgir os primeiros clássicos da literatura infanto-juvenil. Obras como *Alice no País das Maravilhas* (1865), de Lewis Carroll, e *As Aventuras de Tom Sawyer* (1876), de Mark Twain, se destacaram por apresentar protagonistas infantis e narrativas que, embora ainda carregassem lições morais, exploravam a fantasia, o humor e as aventuras juvenis. Essas histórias passaram a ser vistas como parte de um novo gênero que abraçava a imaginação e a curiosidade natural das crianças.

A Literatura, como toda arte, é uma transfiguração do real, é a realidade recriada através do espírito do artista e retransmitida através da língua para as formas que são os gêneros e com os quais ela toma corpo e nova realidade. Passa, então, a viver outra vida, autônoma, independente do autor e da experiência de realidade de onde proveio. Os fatos que lhe deram às vezes origem perderam a realidade primitiva e adquiriram outra, graças à imaginação do artista. São agora fatos de outra natureza, diferentes dos fatos naturais objetivados pela ciência ou pela história ou pelo social. (Coutinho, 1978, p. 9 apud Silva, 2008, p. 6)

A literatura infanto-juvenil, ao longo do tempo, também se tornou um importante veículo de formação do caráter e dos valores. Conforme destaca Nelly Novaes Coelho, "os livros infantis são a primeira janela para o conhecimento do mundo, e, por isso, têm a responsabilidade de promover uma visão sensível e ética da realidade" (Coelho, 2000, p. 22). Assim, as narrativas passaram a refletir não só aventuras ou mundos fantásticos, mas também questões sociais e humanas, essenciais para o crescimento intelectual e emocional dos jovens leitores.

Com o passar dos anos, o gênero continuou a se diversificar e a ganhar novos contornos, tornando-se uma ponte entre o lúdico e o pedagógico, entre a fantasia e a realidade. Hoje, a literatura infanto-juvenil é uma ferramenta poderosa na formação de leitores e na construção de indivíduos críticos, que se reconhecem nas histórias e aprendem a enxergar o mundo de maneira mais reflexiva. Contudo, por uma questão de priorização de currículo, por vezes a escola foca na parte didática e esquece do desenvolvimento subjetivo que a literatura impõe.

A Literatura Infantil pode ser vista como uma porta de entrada para o universo maravilhoso da leitura. Para entendermos bem a importância dessa literatura na formação do ser humano, faz-se fundamental olhar para a variedade de textos que a compõem: fábulas, contos de fadas, contos maravilhosos, mitos, lendas, adaptações de grandes clássicos da literatura mundial, parlendas, trava-línguas, adivinhas, além de textos autorais narrativos e poéticos (Brasil, 2024, p. 1)

Ao se fazer um percurso pelo panorama histórico da literatura infanto-juvenil, pode-se observar a presença do gênero na escola, sendo assim não apenas servindo de vertente literária, como também de material pedagógico, para ensinar a ler, escrever, criar uma visão crítica do mundo, enfim, não conseguindo desvencilhar da educação. Sendo que a partir dos anos 70 que ela passa a ser realmente considerada um campo literário específico e rico. (Hinterlang, 2012)

A escola, em seu papel de promover o aprendizado, tende a valorizar o uso dos textos infantis como ferramentas pedagógicas, destacando o conteúdo didático em vez de explorar toda a riqueza interpretativa que a literatura oferece. As atividades propostas após a leitura, muitas vezes, se limitam a verificar se o aluno compreendeu o conteúdo de maneira literal, sem estimular a reflexão crítica ou a apreciação estética do texto. Esse enfoque restrito reduz as possibilidades de o aluno desenvolver habilidades mais amplas, como a interpretação subjetiva, a criatividade e o engajamento com os aspectos simbólicos e emocionais que a literatura pode proporcionar. Assim, o espaço escolar acaba perdendo a oportunidade de formar leitores mais completos, capazes de dialogar com o texto de maneira profunda e crítica.

1.2 Monteiro Lobato e a renovação da literatura infanto juvenil

Monteiro Lobato é amplamente reconhecido como o pioneiro na literatura infanto-juvenil brasileira, transformando a forma como as histórias eram contadas para crianças no país. Antes de sua contribuição, a literatura infantil era em grande parte constituída de traduções de clássicos europeus, como os contos de fadas dos irmãos Grimm e as fábulas de Esopo. Lobato, no entanto, trouxe uma abordagem inovadora, criando histórias que dialogavam diretamente com a realidade e o imaginário do público infantil brasileiro. Essa renovação não apenas cativou leitores jovens, mas também ajudou a moldar o campo da literatura infanto-juvenil no Brasil.

A criação do Sítio do Pica-Pau Amarelo simboliza o marco dessa transformação. Com personagens memoráveis como Dona Benta, Tia Nastácia, Narizinho, Pedrinho e a boneca Emília, Lobato deu vida a um universo onde a fantasia e a realidade se entrelaçam de maneira única. De acordo com Coelho (2000, p. 45), “a obra de Lobato rompe com os moldes narrativos convencionais ao misturar elementos da cultura popular brasileira com referências universais, criando uma literatura viva, acessível e imaginativa”. Essa estratégia narrativa não apenas entretinha, mas também educava, uma característica marcante de suas obras.

Lobato foi pioneiro em inserir a brasilidade como elemento central de suas histórias. Com personagens como o Saci e Tia Nastácia, ele trouxe elementos do folclore e da cultura popular brasileira para o centro da narrativa, promovendo uma identificação imediata com o público jovem. Contudo, esses mesmos elementos também suscitaram debates sobre a forma como as representações culturais eram construídas e a perpetuação de estereótipos. (BARBOSA, 2020, p. 98).

Lobato utilizava sua literatura como veículo de disseminação de ideias e valores, muitas vezes com um tom crítico em relação à sociedade e à política da época. Suas histórias abordavam questões complexas como o papel da ciência, a importância da leitura e a preservação da natureza, temas que eram tratados de forma lúdica, mas que despertavam a curiosidade e o senso crítico das crianças. Conforme aponta Souza (2017, p. 58), “a literatura de Lobato não se limitava ao entretenimento; ela buscava formar cidadãos críticos e conscientes”.

No contexto da literatura brasileira, Monteiro Lobato representa uma ruptura significativa, ao inserir no universo infantil temas como o progresso científico, o nacionalismo e até mesmo críticas sociais. Seus textos, longe de serem apenas contos de fada, aproximavam-se mais de narrativas filosóficas adaptadas à compreensão infantil, o que fez dele um autor único e inovador. (Carvalho, 2019, p. 145).

Essa integração de elementos educativos, como a inserção de temas científicos nas histórias, foi um dos grandes legados de Lobato. Ele não apenas se preocupava em entreter, mas também em formar leitores críticos, que questionassem as estruturas de sua sociedade. A educação científica, longe de ser uma imposição, era tratada de forma lúdica, com o uso de personagens como Dona Benta e Emília, que, por meio de diálogos envolventes, apresentavam ao público infantil conceitos de astronomia, biologia e outras ciências. Além de inovar na forma, Lobato também fez da literatura uma plataforma para o debate social. Em suas obras, surgem críticas veladas à estrutura social brasileira, principalmente no que tange à questão do atraso nas zonas rurais do país, como exemplificado na figura de Jeca Tatu. O personagem, um símbolo do caboclo brasileiro, foi por Lobato um veículo para questionar as condições de vida nas áreas menos desenvolvidas e o abandono do Estado, retratado melhor no tópico adiante. Embora essa crítica fosse construída com base no olhar do autor sobre a realidade rural, ela também convidava à reflexão sobre as condições de saúde, educação e infraestrutura, temas que se entrelaçam diretamente com os problemas sociais de sua época. (Silva, 2015)

Outro aspecto relevante é a presença de personagens femininas fortes, como Dona Benta e Emília, que desafiavam os estereótipos de gênero da época. Dona Benta, por exemplo, representa a figura de uma mulher instruída, que incentiva os netos à leitura e à reflexão. Emília, por sua vez, com seu espírito questionador e irreverente, traz uma ruptura com os padrões comportamentais esperados de uma boneca, tornando-se um símbolo de liberdade e autonomia.

Dona Benta é retratada como a matriarca sábia e amorosa do sítio. Sua função pedagógica é ser a principal fonte de conhecimento formal e valores tradicionais. Em obras como *História das Invenções*, Dona Benta narra às crianças a evolução das criações humanas, estimulando a curiosidade e o pensamento crítico (Lobato, 1935). Sua abordagem educativa é caracterizada pela paciência e pelo incentivo ao questionamento, permitindo que as crianças desenvolvam autonomia intelectual.

Em contraste, Emília, a boneca de pano que ganha vida, personifica a irreverência e a criatividade. Sua personalidade questionadora desafia convenções e estimula debates sobre normas sociais e comportamentais. Em *Emília no País da Gramática*, por exemplo, Emília conduz uma exploração lúdica das regras linguísticas, tornando o aprendizado uma aventura divertida (Lobato, 1934). Sua postura crítica e

independente serve como modelo para a formação de um pensamento autônomo nas crianças.

A interação entre Dona Benta e Emília no contexto do sítio cria um ambiente educacional equilibrado, onde tradição e inovação coexistem. Enquanto Dona Benta representa a transmissão de conhecimento consolidado, Emília simboliza a importância da criatividade e da contestação. Essa dualidade oferece às crianças uma compreensão abrangente do mundo, preparando-as para pensar de maneira crítica e independente. Além disso, a dinâmica entre as duas personagens aborda questões éticas e morais de forma acessível. Dona Benta, com sua sabedoria, orienta as crianças sobre valores como respeito e empatia, enquanto Emília, com sua natureza questionadora, levanta discussões sobre justiça e liberdade. Essa complementaridade enriquece o desenvolvimento moral dos leitores, permitindo-lhes refletir sobre diferentes perspectivas.

A relevância pedagógica dessas personagens é amplamente reconhecida. Segundo Oliveira (2018), Dona Benta atua como uma mediadora do conhecimento, adaptando conteúdos complexos à compreensão infantil, enquanto Emília incentiva a autonomia e a criatividade das crianças, desafiando-as a pensar por si mesmas. Essa combinação de características contribui para uma formação integral, que abrange tanto aspectos cognitivos quanto sôco emocionais. Em suma, Dona Benta e Emília desempenham funções pedagógicas complementares no Sítio do Pica-Pau Amarelo. A primeira, como educadora tradicional e afetuosa, transmite conhecimento e valores éticos, enquanto a segunda, com sua irreverência e espírito questionador, estimula a criatividade e o pensamento crítico. Juntas, elas criam um ambiente propício ao desenvolvimento integral das crianças, tornando as obras de Monteiro Lobato uma referência duradoura na literatura infantil brasileira.

Apesar de suas inovações, a obra de Monteiro Lobato não está isenta de críticas, especialmente no que diz respeito à representação de personagens como Tia Nastácia. Muitos estudiosos apontam que suas descrições reforçam estereótipos raciais, algo que, embora comum na literatura de sua época, hoje é visto como um ponto problemático. Segundo Silva (2015, p. 92), “é necessário contextualizar a obra de Lobato, entendendo-a como fruto de seu tempo, sem, contudo, ignorar as implicações dessas representações na perpetuação de preconceitos”.

A necessidade de um olhar equilibrado que reconheça tanto o contexto histórico quanto as implicações contemporâneas de suas representações. Em outras

palavras, a obra de Lobato deve ser compreendida à luz das condições culturais, sociais e políticas de sua época, que moldaram suas narrativas e escolhas literárias. Porém, essa compreensão histórica não pode ser usada como justificativa para ignorar ou minimizar os preconceitos que algumas de suas obras perpetuam.

Ao refletir sobre essa questão, é possível perceber que o desafio reside em manter um diálogo crítico que valorize as inovações de Lobato na literatura infanto-juvenil, como a introdução de temas nacionais e pedagógicos, sem deixar de reconhecer que algumas representações em suas histórias, como estereótipos de gênero ou raciais, têm repercussões negativas e podem reforçar desigualdades. Essa abordagem crítica e contextualizada é fundamental para que sua obra continue sendo estudada e debatida de forma enriquecedora e responsável, respeitando as transformações sociais e os avanços em termos de igualdade e inclusão.

O impacto de Monteiro Lobato na literatura infanto-juvenil também pode ser medido pela forma como ele influenciou gerações de autores e leitores. Sua escrita envolvente, aliada a uma visão crítica e criativa, estabeleceu um novo padrão para a literatura infantil, valorizando o contexto brasileiro e inspirando crianças a explorar sua imaginação. Como destaca Santana (2001, p. 67), “Monteiro Lobato não apenas escreveu para crianças; ele escreveu para formar leitores, promovendo o hábito da leitura desde cedo e construindo uma base sólida para a literatura brasileira”.

Além do conteúdo literário, Lobato foi um dos primeiros a reconhecer o potencial da literatura como ferramenta de educação. Muitas de suas obras, como *O Minotauro* e *Aritmética da Emília*, foram criadas com o objetivo de ensinar conceitos científicos e matemáticos de forma divertida e acessível. Isso demonstra sua visão inovadora sobre o papel da literatura na formação intelectual e moral das crianças.

A inovação de Lobato residia em sua habilidade de integrar conhecimento e entretenimento. Ao utilizar a narrativa como ferramenta pedagógica, ele conseguiu não apenas instigar a curiosidade das crianças, mas também formar leitores críticos e conscientes. Seus textos eram, ao mesmo tempo, um convite ao sonho e um chamado à reflexão sobre a realidade brasileira. (Ferreira, 2021, p. 120)

Monteiro Lobato também foi um crítico ferrenho do sistema educacional da época, que considerava arcaico e ineficaz. Ele via na literatura uma alternativa para estimular a criatividade e o pensamento crítico, algo que os métodos tradicionais de ensino muitas vezes negligenciavam. Essa preocupação transparece em suas

histórias, onde os personagens frequentemente aprendem por meio de experiências práticas e aventuras, ao invés de aulas formais.

Outro elemento que merece destaque é a forma como Lobato incorporou a oralidade em suas narrativas, capturando o tom coloquial e as expressões populares do Brasil rural. Esse recurso não apenas aproximava os leitores das histórias, mas também preservava e valorizava elementos da cultura brasileira, tornando-a acessível às crianças de diferentes regiões e classes sociais.

Em síntese, a renovação promovida por Monteiro Lobato na literatura infanto-juvenil foi marcada por sua capacidade de aliar educação e entretenimento, oferecendo às crianças brasileiras uma literatura que não apenas refletia sua realidade, mas também as desafiava a pensar de forma crítica e criativa. Seu legado continua a inspirar debates e análises, destacando a importância de sua contribuição para a formação cultural e literária do Brasil.

2 MONTEIRO LOBATO E A CONSTRUÇÃO DA LITERATURA INFANTO JUVENIL BRASILEIRA

2.1 Monteiro Lobato: uma biografia

Monteiro Lobato é um nome inescapável quando se fala na construção da literatura infanto-juvenil brasileira. Mais do que um escritor, ele foi um verdadeiro visionário que percebeu, antes de muitos, o poder transformador da leitura na vida das crianças. Em um país onde a produção literária voltada para o público infantil era escassa e quase sempre importada, Lobato não apenas introduziu um novo estilo de narrativa, mas também colocou as crianças brasileiras no centro de suas histórias. Seu trabalho foi pioneiro, revolucionando tanto a forma quanto o conteúdo da literatura infantil e juvenil, sendo uma figura chave no desenvolvimento cultural de gerações.

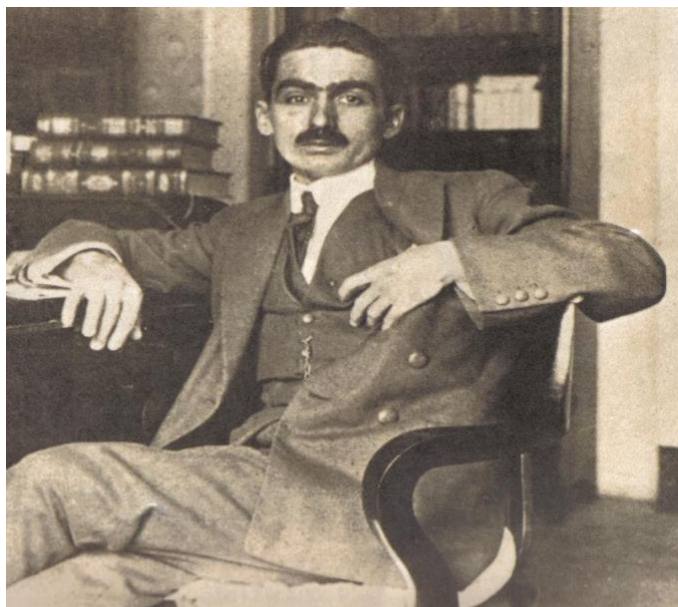
No início do século XX, a literatura infantil no Brasil era dominada por traduções de obras europeias, predominantemente moralistas e que pouco dialogavam com a realidade das crianças brasileiras. Lobato, no entanto, trouxe um novo olhar, fundindo a fantasia com elementos da cultura nacional, especialmente o folclore, além de temas educacionais como ciência e história. Ele entendeu que, para criar uma conexão genuína com as crianças, era necessário oferecer histórias que refletissem o imaginário brasileiro e que estimulassem a curiosidade e o senso crítico desde cedo. Sua obra não apenas diverte, mas também educa, mostrando que é possível ensinar e entreter ao mesmo tempo.

A Literatura Infanto/Juvenil no Brasil acontece no meado da Proclamação da República, período de grande divergência política, econômica e social. O governo requeria a imagem de um Brasil moderno, substituindo a mão de obra escrava e uma política econômica que beneficiasse a produção cafeeira. Além disso, foi quando o fortalecimento da venda de produção literária teve o maior destaque no mercado de consumo. A partir daí houve favorecimento das camadas médias e a materialização no mercado de consumo. (Sousa, 2014, p. 19)

Aqui coube a Lobato romper esse estereótipo ainda carregado da literatura europeia para uma literatura voltada a fantasia e a cultura no país, trazendo em cada obra um pouco das histórias do Brasil. José Renato, conhecido como Monteiro Lobato, nasceu no ano de 1882, em Taubaté, interior de São Paulo. Sempre demonstrou interesse pela leitura, e a fazenda de seus avós foi um local que lhe inspirou a realizar

grandes obras como o Sítio do Pica Pau Amarelo. (Vieira, 1994). Lobato por insistência do avô formou-se em Direito pela Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, em São Paulo, em 1904. No entanto, a carreira jurídica nunca lhe despertou a mesma paixão que sentia pela escrita e pela pintura, que por sinal, outra paixão despertada na juventude. Após trabalhar como promotor em Areias, no Vale do Paraíba, Lobato herdou a fazenda de seu avô, Visconde de Tremembé, e decidiu dedicar-se à vida de fazendeiro, talvez algo que lhe deu propriedade para criar histórias vivenciadas na roça com mais riqueza de detalhes. Nessa época começou a escrever artigos críticos sobre a realidade rural brasileira, publicados em diversos jornais, que começaram a ganhar destaque na imprensa nacional. (Souza, 2024).

Figura 1 : Monteiro Lobato



Fonte: Revista Galileu, 2018.

Em 1914, Lobato publicou o artigo "Velha Praga", no qual denunciava as condições deploráveis das plantações de café e criticava a praga da saúva, que devastava os campos. Esse texto gerou grande repercussão e consolidou Lobato como um crítico social. Ele possuía uma visão aguçada sobre o atraso do país em várias áreas, especialmente na educação e na ciência, questões que permeiam sua obra literária (Coelho, 2000).

Em 1918, Monteiro Lobato lançou seu primeiro livro, "Urupês", uma coletânea de contos que retratava o caboclo brasileiro, personificado na figura de Jeca Tatu. Jeca tornou-se um símbolo do homem rural preguiçoso e resignado, mas Lobato, ao

longo dos anos, reavaliou essa imagem, apontando para as condições sociais e econômicas adversas que impediam o progresso no campo (Vieira, 1994). "Jeca Tatu", além de uma figura literária, tornou-se um emblema das críticas de Lobato ao Brasil agrário e subdesenvolvido.

Jeca Tatu é uma das figuras mais emblemáticas criadas por Monteiro Lobato, representando um marco na crítica social e na biografia do autor. A personagem, é o retrato do caboclo brasileiro: preguiçoso, submisso, e alheio à modernidade. Essa representação nasceu das observações de Lobato sobre o meio rural, revelando sua visão crítica acerca do atraso econômico e social que predominava nas áreas rurais do Brasil. No entanto, Jeca Tatu vai além de um simples personagem literário, pois simboliza uma ruptura e uma inovação na forma de Lobato abordar questões nacionais em sua obra. Como afirma Rangel (2017, p. 45):

Jeca Tatu não é apenas a caricatura de um indivíduo preguiçoso, mas o reflexo de um sistema desigual que negligenciava as regiões rurais. Ao revisitar a personagem, Monteiro Lobato desloca o foco da crítica do homem para o meio, mostrando que as condições de vida degradantes geravam uma apatia inevitável. Essa mudança de perspectiva foi pioneira na literatura brasileira e serviu como uma forma de despertar a consciência social da época.

A importância do Jeca Tatu na biografia de Monteiro Lobato está relacionada ao impacto cultural que a personagem teve na época. O autor utilizou Jeca para escancarar as mazelas do Brasil rural e chamar a atenção para problemas como a falta de acesso à saúde, educação e saneamento. Contudo, Lobato também usou a figura de Jeca para criticar o descaso das elites políticas e a ausência de políticas públicas que pudessem transformar essa realidade. Essa abordagem conferiu um papel quase pedagógico ao personagem, fazendo de Lobato não apenas um escritor, mas também um crítico social que buscava promover o debate sobre o desenvolvimento nacional.

Mais tarde, Monteiro Lobato revisitou o personagem e alterou sua interpretação inicial, reconhecendo que o atraso de Jeca não era intrínseco à sua natureza, mas fruto das condições adversas de vida. Como Lobato escreveu em Prefácio Interessantíssimo, publicado na segunda edição de Urupês, o caboclo não era preguiçoso por natureza, mas vítima de doenças como o amarelão, que enfraqueciam sua produtividade. Esse reconhecimento transformou Jeca Tatu em uma metáfora mais complexa e humanizada, reafirmando Lobato como um escritor atento às questões sociais e disposto a rever suas opiniões à luz de novos conhecimentos.

Figura 3: Jeca Tatu, personagem icônico de Lobato.



Fonte: Costa, 2018.

A presença de Jeca Tatu também serviu como uma ponte para aproximar Lobato das massas, popularizando sua obra e fortalecendo sua visão crítica. Ao tratar de um personagem simples, mas carregado de simbolismo, Lobato conseguiu criar uma conexão com o público e dar visibilidade a problemas estruturais do país, usando a literatura como um veículo de transformação e denúncia. Portanto, o Jeca Tatu transcende a biografia de Monteiro Lobato, sendo ao mesmo tempo um reflexo do Brasil de sua época e uma expressão da capacidade do autor de transformar a literatura em ferramenta de crítica e mudança social. O personagem continua sendo uma referência na análise das obras de Lobato, revelando como sua visão literária estava profundamente enraizada nas questões sociais e nos dilemas do Brasil rural.

Apesar do sucesso de suas críticas sociais, foi na literatura infantil que Lobato encontrou seu verdadeiro espaço. Em 1920, ele publicou "A Menina do Narizinho Arrebitado", o primeiro livro da saga do Sítio do Pica-Pau Amarelo, que se tornaria um marco na literatura infanto-juvenil brasileira (Souza, 2024). As histórias trouxeram um novo conceito de literatura infantil, misturando fantasia com folclore brasileiro e ciência. Ao criar seus principais personagens, o autor não apenas proporcionou entretenimento e diversão as crianças, como também as educou, abordando temas científicos (embora as vezes um pouco fantasioso ou exagerado) e históricos de maneira acessível e lúdica (Zilberman, 1987).

O ponto de virada da literatura infanto-juvenil brasileira veio sem dúvidas com a criação do Sítio do Pica-Pau Amarelo. Com personagens inesquecíveis como citados acima, Lobato construiu um universo fantástico, onde a imaginação era o único limite. Ao mesmo tempo, ele inseria, de maneira habilidosa, temas científicos e filosóficos, ajudando as crianças a pensar além do que estava nas páginas dos livros. Os personagens, embora fantásticos, eram profundamente humanos e traziam questões que, de maneira sutil, faziam as crianças refletirem sobre a realidade ao seu redor.

Figura 4: Capa da obra de Lobato, um marco na literatura brasileira.



Fonte: Higino cultural, 2024.

Emília, a boneca de pano que ganha vida, é um dos maiores exemplos dessa revolução literária. Ao contrário de outras personagens femininas da época, submissas e passivas, Emília é irreverente, crítica e questionadora. Ela não aceita as coisas como são e desafia constantemente o status quo, sendo uma figura quase subversiva em um contexto em que as meninas eram ensinadas a ser obedientes e comportadas. Lobato, ao criar essa personagem, ofereceu às crianças, especialmente às meninas, um novo modelo de comportamento, onde questionar e pensar de forma independente era não apenas permitido, mas encorajado.

Além do aspecto lúdico, Lobato tinha uma visão pedagógica clara. Em suas obras, temas como ciência, geografia, história e até mesmo política são tratados de maneira acessível, sem subestimar a capacidade de entendimento das crianças. Ele

acreditava que o conhecimento deveria ser democratizado e que as crianças, desde cedo, tinham o direito de aprender de maneira crítica e criativa. Ao fazer isso, Monteiro Lobato ajudou a formar leitores mais atentos e engajados, que, através de suas obras, passaram a ver o mundo com outros olhos.

O papel exercido por Monteiro Lobato no quadro da literatura infantil nacional tem sido seguidamente reiterado, e com justiça. É com este autor que se (ou melhor: começa a ser rompido) o círculo da dependência aos padrões literários provindos da Europa, principalmente no que diz respeito ao aproveitamento da tradição folclórica. (Zilberman 1994, p. 54)

Contudo, ao analisarmos a trajetória de Lobato, é importante também fazer uma leitura crítica de sua obra. Em diversos momentos, especialmente nas representações raciais, suas narrativas refletem preconceitos comuns da época, como a maneira estereotipada com que a personagem Tia Nastácia, uma mulher negra, é retratada. Embora Lobato tenha desempenhado um papel crucial na formação da literatura infanto-juvenil, é fundamental reconhecer e discutir essas representações problemáticas à luz dos debates contemporâneos sobre raça e igualdade.

A obra de Monteiro Lobato desponta num período em que o Brasil se caracterizava pela diversidade: as principais cidades do litoral, em especial o Rio de Janeiro, influenciadas pela cultura europeia, contrastavam com os sertões, onde imperavam a miséria, o isolamento. [...] É na produção de uma literatura destinada às crianças que Monteiro Lobato extravasa seu talento; o autor parte de um espaço rural, o sítio do Picapau Amarelo, onde tudo é possível, graças ao pó de pirlimpimpim, que transporta as personagens de um lugar para outro, e abole a barreira do tempo. Outro recurso de Lobato, em sua ficção infantil, é o faz-de-conta, que elimina a impossibilidade dos acontecimentos. Sua linguagem é clara, objetiva e acessível às crianças (Becker, 2011, p. 3)

Essa dualidade na obra de Monteiro Lobato, entre sua inovação pedagógica e suas limitações sociais, faz com que ele seja um autor que continua a gerar debates até os dias atuais. Ao mesmo tempo em que é reconhecido como um dos pilares da literatura infantil no Brasil, suas obras também nos convidam a uma leitura crítica, que considera o contexto histórico e as transformações sociais pelas quais o Brasil passou desde a publicação de suas obras. De qualquer forma, o impacto de Lobato é inegável: ele foi responsável por abrir caminho para uma literatura infanto-juvenil genuinamente brasileira, que conversava com as crianças do país e respeitava sua inteligência.

Monteiro Lobato, ao construir esse universo literário, não apenas deu voz às crianças brasileiras, mas também ajudou a moldar uma geração de leitores

conscientes e questionadores. Suas obras ainda ressoam, continuando a inspirar tanto os novos autores quanto as novas gerações de leitores. É através dessa combinação de fantasia e realidade, de ludicidade e ensino, que Lobato garantiu seu lugar como um dos maiores escritores da história do Brasil, cuja influência na formação da literatura infanto-juvenil continua viva.

Em suma, Monteiro Lobato não só expandiu os horizontes da literatura infanto-juvenil, como também lançou as bases para uma literatura que educa, entretém e, sobretudo, convida à reflexão. Sua contribuição para a construção de um imaginário brasileiro nas histórias infantis é um marco fundamental, que ainda reverbera em todas as esferas da educação e da cultura no país. Ao longo de sua trajetória, ele mostrou que a literatura infantil pode – e deve – ser um espaço de aprendizado, crescimento e reflexão crítica, algo que, sem dúvida, continua sendo relevante até hoje.

Monteiro Lobato foi um defensor apaixonado da educação e do progresso científico no Brasil. Ele acreditava que o país só se desenvolveria por meio da democratização do conhecimento. Essa visão é evidente em suas obras infantis, que, além de divertirem, tinham um claro propósito pedagógico (Coelho, 2000). Contudo, sua trajetória literária também carrega polêmicas, especialmente no que diz respeito à representação racial em suas obras, como no caso da personagem Tia Nastácia, que é alvo de críticas por reforçar estereótipos raciais (Santana, 2001). Ainda assim, é inegável que Lobato desempenhou um papel crucial na formação da literatura infanto-juvenil brasileira.

Monteiro Lobato faleceu em 4 de julho de 1948, em São Paulo. Seu legado continua vivo, sendo lido por gerações de crianças e estudado por críticos e acadêmicos tanto pelo valor literário de sua obra quanto pelas questões sociais que ela suscita (Souza, 2024). A sua contribuição para a literatura infantil brasileira é inegável, e ele permanece uma figura central no debate sobre a cultura e educação no Brasil.

2.2 As principais críticas a obra de Lobato

Monteiro Lobato, considerado um dos maiores nomes da literatura infanto-juvenil brasileira, é também alvo de intensos debates e críticas. Embora seja inegável sua contribuição ao cenário literário e educacional, aspectos controversos de sua obra, como preconceitos raciais e culturais, têm gerado discussões significativas nos últimos anos. Segundo Souza (2020, p. 45), “a leitura de Monteiro Lobato deve ser feita com cautela, uma vez que, embora pioneira e inovadora, sua produção carrega marcas profundas de preconceitos que refletem o contexto sociocultural de sua época”. Essa perspectiva é relevante porque permite que analisemos as obras dentro do período histórico em que foram produzidas, sem ignorar os impactos negativos que podem ter sobre leitores contemporâneos.

Um exemplo notável dessas críticas é a caracterização da personagem Tia Nastácia, frequentemente descrita em termos pejorativos. Em *Caçadas de Pedrinho* (1933), Lobato utiliza expressões que reforçam estereótipos raciais, como quando menciona que Tia Nastácia “parecia uma macaca de carvão” (LOBATO, 1933, p. 12). Tal descrição provocou amplos debates sobre a perpetuação de imagens racistas, com muitas vozes apontando que, mesmo sendo comum no discurso da época, esses termos são inaceitáveis nos dias atuais.

A obra de Monteiro Lobato reflete as tensões de seu tempo, especialmente em relação às questões raciais e sociais. Personagens como Tia Nastácia, apesar de desempenharem papéis fundamentais nas narrativas, são frequentemente descritos de maneira estereotipada, o que evidencia um olhar impregnado pelos preconceitos da época. Essa abordagem é criticada por não reconhecer plenamente a humanidade e complexidade dessas figuras (Souza, 2018, p. 57).

Para contextualizar, Lourenço (2019, p. 79) afirma que “o racismo na obra de Lobato não é um fenômeno isolado, mas sim parte de um discurso estrutural que permeava a sociedade brasileira do início do século XX”. Isso nos leva a refletir sobre como a literatura pode reproduzir ou contestar as dinâmicas de poder presentes na sociedade.

Ao mesmo tempo, há defensores da obra que argumentam que as críticas devem considerar o contexto histórico. Para Abramo (2018), é importante reconhecer que “a obra de Lobato não deve ser julgada exclusivamente pelos padrões morais contemporâneos, mas compreendida como um produto de sua época”. No entanto,

esse argumento não elimina a necessidade de se adaptar o ensino de suas obras ao público atual. A utilização de notas explicativas e contextualizações em edições modernas tem sido uma alternativa para abordar as passagens problemáticas, mantendo o valor literário sem ignorar suas implicações éticas.

Além das questões raciais, há críticas relacionadas ao tratamento de culturas indígenas. Em várias histórias, povos originários são retratados de forma caricatural ou inferiorizada. Um exemplo disso é encontrado em *Histórias de Tia Nastácia* (1931), onde lendas indígenas são narradas com tom jocoso, reforçando a ideia de que essas culturas são primitivas. Como observa Coelho (2000, p. 142), “a literatura de Lobato, embora rica e inovadora, frequentemente coloca as culturas não europeias em uma posição de inferioridade, reforçando a visão eurocêntrica predominante na época”. Essas análises mostram que o autor, apesar de seus méritos, não estava isento das limitações de sua visão de mundo.

As narrativas de Lobato, embora marcantes, apresentam uma visão limitada em relação à diversidade cultural brasileira. Suas obras, muitas vezes, reproduzem os valores eurocêntricos predominantes, negligenciando a rica pluralidade de vozes e perspectivas do país. Essa crítica, embora válida, não diminui o impacto literário de sua produção, mas sugere a necessidade de uma leitura crítica e contextualizada (Santos, 2014, p. 142).

No entanto, é importante reconhecer que Lobato também introduziu críticas à sociedade brasileira de sua época, especialmente por meio de personagens como Emília. A boneca de pano frequentemente desafia convenções sociais, questionando a autoridade e as tradições. Como observa Santos (2021, p. 63), “Emília é, ao mesmo tempo, uma ferramenta de ruptura e reprodução das normas sociais, refletindo as contradições presentes no próprio autor”. Essa dualidade exemplifica como Lobato não se encaixa facilmente em um molde simplista de análise, exigindo uma leitura cuidadosa e multifacetada de sua obra.

Outro ponto de debate é a visão de Lobato sobre a educação e a ciência, áreas em que ele demonstrava grande entusiasmo, mas que, em alguns momentos, apresentavam uma visão reducionista de outras formas de conhecimento. Como observa Silva (1991, p. 38), “Lobato exaltava a ciência como o único caminho válido para o progresso, relegando outras formas de saberes a um plano secundário”. Essa perspectiva, embora alinhada aos ideais positivistas do início do século XX, pode ser considerada problemática quando analisada à luz das discussões contemporâneas sobre pluralidade epistemológica.

A visão de Monteiro Lobato sobre educação e ciência reflete, de maneira marcante, os ideais de sua época, mas também revela limitações no reconhecimento de formas alternativas de conhecimento. O autor defendia a ciência como motor do progresso humano, uma postura influenciada pelo positivismo e pelo desenvolvimento tecnológico no início do século XX. Essa valorização é visível em obras como *O Minotauro*, onde o avanço científico é frequentemente celebrado como solução para os problemas da humanidade. Contudo, essa perspectiva também relegava saberes tradicionais, como os das culturas indígenas e africanas, a uma posição secundária, ignorando sua riqueza e complexidade.

Ao tratarmos dessa questão nos dias atuais, percebemos como a ideia de uma ciência única e hegemônica tem sido questionada. Estudos contemporâneos apontam para a importância da pluralidade epistemológica, ou seja, a coexistência e o reconhecimento de diferentes formas de produção de conhecimento, sejam elas científicas, culturais ou ancestrais. Como argumenta Almeida (2022, p. 112), “o reducionismo científico, embora compreensível em contextos históricos como o de Lobato, desconsidera a relevância de saberes comunitários e das cosmovisões não ocidentais na construção de soluções mais sustentáveis e inclusivas para os desafios do mundo”.

Além disso, a postura de Lobato reforça um discurso de modernização que, muitas vezes, marginalizava comunidades tradicionais. Essa visão contrasta com abordagens mais recentes, que buscam integrar os saberes tradicionais ao campo educacional, reconhecendo sua importância não apenas cultural, mas também prática. Ao ignorar essas possibilidades, Lobato reflete uma concepção de progresso que, embora inovadora para sua época, pode ser vista como limitada em seu escopo.

Essa crítica não diminui a importância de Lobato como educador e promotor de debates, mas evidencia a necessidade de reavaliar seu legado sob novas perspectivas. Como afirma Santos (2020, p. 85), “o reconhecimento das contribuições de Lobato deve vir acompanhado de uma análise crítica que contextualize e questione os limites de suas concepções, especialmente em relação ao pluralismo e à diversidade”. Assim, a releitura de sua obra pode servir tanto para valorizar seu papel como pioneiro quanto para apontar caminhos para um entendimento mais amplo e inclusivo do conhecimento e da educação.

Monteiro Lobato contribuiu significativamente para a formação do imaginário literário infantil brasileiro. Porém, suas descrições de personagens negros e indígenas reforçam estigmas sociais, apontando para a necessidade de adaptações e revisões que valorizem a diversidade e a igualdade” (ALMEIDA, 2019,p.75).

Por fim, as críticas à obra de Lobato devem ser vistas como parte de um processo contínuo de releitura e reavaliação. Como argumenta Souza (2020), “a literatura, como qualquer produção cultural, é reflexo de seu tempo, mas também um convite à reflexão crítica”. Esse convite é especialmente relevante no caso de Lobato, cuja obra continua a despertar fascínio e debates apaixonados, desafiando leitores e estudiosos a navegarem pelas complexidades de seu legado

2.3 A construção da literatura infanto juvenil a partir de lobato

Lobato é frequentemente considerado o grande pioneiro da literatura infanto-juvenil brasileira, responsável por criar um marco que transformou não apenas o modo como os textos infantis eram escritos, mas também como eram percebidos pela sociedade. Antes de Lobato, a literatura infantil no Brasil era limitada, muitas vezes composta por traduções de obras estrangeiras, sem uma conexão real com o contexto e a cultura nacionais. Nesse cenário, Lobato surgiu com a ousadia de propor um modelo literário que dialogava diretamente com a realidade brasileira, sem abrir mão da fantasia e do encantamento. Como Candido (1981, p. 74) observa, “a literatura de Lobato não se restringia a entreter; ela tinha a intenção clara de educar, formar cidadãos críticos e promover um senso de pertencimento cultural”. Esse aspecto educacional de sua obra não era didático no sentido estrito, mas um convite à reflexão, embutido nas tramas e diálogos de seus personagens. Essa fusão de pedagogia e narrativa artística marcou um ponto de virada na literatura nacional, consolidando-a como ferramenta de formação integral.

Monteiro Lobato foi um visionário ao compreender que a literatura infantojuvenil precisava dialogar com as realidades das crianças brasileiras. Ele acreditava que as histórias deveriam ser mais do que meras distrações, funcionando como instrumentos de formação intelectual e social. Por isso, sua obra combina elementos de fantasia, ciência e cultura popular, criando um universo literário que é ao mesmo tempo educativo e encantador (Almeida, 2021, p. 45).

Um dos elementos mais notáveis da obra de Lobato é sua habilidade em misturar temas de caráter científico com narrativas ficcionais que capturam a imaginação do público jovem. Essa característica é especialmente evidente em livros como *Viagem ao Céu* e *Serões de Dona Benta*, onde ele utiliza os diálogos entre personagens para introduzir conceitos complexos de astronomia, física e história. O diferencial dessas obras não era apenas a abordagem educativa, mas a maneira como Lobato tornava o aprendizado instigante, quase como uma brincadeira. Como destaca Silva (1991, p. 42), “Lobato conseguiu traduzir conhecimentos científicos em histórias envolventes, apresentando-os de forma que não intimidasse as crianças, mas sim despertasse sua curiosidade natural”. Em uma época em que a ciência era pouco acessível ao público infantil, ele abriu portas para que novos horizontes de conhecimento fossem explorados, tornando-se, assim, um precursor da divulgação científica para crianças.

A ciência, para Lobato, era um instrumento de emancipação social e progresso. Ele acreditava que introduzir conceitos científicos às crianças desde cedo era essencial para formar um futuro cidadão consciente. Contudo, essa ênfase na ciência muitas vezes se sobrepunha a outros saberes, refletindo uma visão positivista que, embora revolucionária em sua época, hoje é questionada por sua falta de pluralidade epistemológica." (Silva, 1991, p. 43).

Outro aspecto central na literatura lobatiana é a valorização do folclore brasileiro, que se torna um tema recorrente em obras como *O Saci*. Neste livro, Lobato resgata uma figura do imaginário popular e lhe atribui camadas de significado que vão além das histórias orais tradicionais. O saci de Lobato não é apenas uma criatura travessa, mas uma figura que carrega em si reflexões sobre identidade, pertencimento e resistência cultural. Ramos (1998, p. 67) argumenta que, ao trazer o folclore brasileiro para o centro de suas narrativas, Lobato não apenas resgatou tradições, mas também ajudou a consolidar uma identidade literária nacional, contrapondo-se à predominância de influências estrangeiras na literatura infantil. Esse gesto de valorização do patrimônio cultural é particularmente significativo em um país historicamente marcado pela desvalorização de suas próprias raízes.

Ao trazer elementos do folclore brasileiro para suas narrativas, Lobato desempenhou um papel crucial na valorização da identidade cultural nacional. Histórias como *O Saci* não apenas entretêm, mas também educam sobre a riqueza das tradições populares. Essa abordagem é fundamental em um país que, por muito tempo, relegou sua cultura oral e suas lendas a um segundo plano em favor de narrativas estrangeiras." (Ramos, 1998, p. 72).

A estrutura narrativa das obras de Lobato também merece destaque por sua complexidade e inovação. Ele não se limitava a apresentar histórias lineares e simples; em vez disso, seus livros frequentemente combinavam elementos da fantasia com discussões filosóficas, históricas e sociais. O Sítio do Picapau Amarelo, por exemplo, é mais do que um cenário de aventuras: é um microcosmo onde diferentes visões de mundo se encontram e se confrontam.

Emília, a boneca gente
Baby do Brasil

De uma caixa de costura
Pano, linha e agulha
Nasceu uma menina valente
Emília, a Boneca-Gente
Nos primeiros momentos de vida
Era toda desengonçada
Ficar em pé não podia, caía
Não conseguia nada...
Emília, Emília, Emília
Emília, Emília, Emília
Mas a partir do momento
Que aprendeu a andar
Emília tomou uma pílula
Tagarelou, tagarelou a falar
Tagarelou, tagarelou a falar
Ela é feita de pano
Mas pensa como um ser humano
Esperta e atrevida
É uma maravilha Emília,
Emília, Emília, Emília,
Emília, Emília, Emília
Para história, ela tem um plano
Inventa mil ideias, não entra pelo cano
Ah, essa boneca é uma maravilha!
Emília, Emília, Emília
Emília, Emília, Emília
Fonte: Lindas Lendas, 2024.

Emília, a boneca de pano que ganha vida, é a personificação do questionamento e da liberdade de pensamento, contrastando com a figura mais tradicional de Dona Benta, que representa o saber consolidado. A canção acima mostrar o tamanho do encantamento de toda uma geração pela personagem que mesmo tendo seus momentos de rebeldia, por vezes muito respondona e travessa, cativou como ninguém o grande público, a ponto de criarem situações, artes além das que Lobato a dedicou como a música da cantora Baby do Brasil reproduzida aqui. Para Nascimento (2015, p. 103), “os personagens de Lobato não são meramente arquétipos, mas sim agentes de uma narrativa que promove o diálogo entre gerações e perspectivas”.

O Sítio do Pica-Pau Amarelo é mais do que um cenário de aventuras; é um espaço onde a realidade e a fantasia se encontram, permitindo a discussão de questões profundas em um ambiente que é ao mesmo tempo lúdico e educativo. Por meio de seus personagens, Lobato cria um diálogo intergeracional que enriquece a experiência literária e desafia o leitor a questionar e aprender (Nascimento, 2015, p. 115).

Além disso, Lobato foi um dos primeiros escritores a reconhecer que as crianças são leitores exigentes, capazes de compreender e apreciar textos que vão além do simplismo. Ele acreditava que as crianças não precisavam ser subestimadas, e esse respeito por seu público se traduzia em histórias ricas, repletas de referências culturais e científicas. Como Oliveira (2020, p. 52) coloca, “a literatura infantil de Lobato é um tributo à inteligência da criança, que é tratada como um ser pensante, capaz de interpretar e questionar o mundo ao seu redor”. Essa postura contrasta com a tendência da época, que muitas vezes via as crianças como receptores passivos de conteúdos moralizantes.

Lobato inovou ao tratar as crianças como leitores críticos, capazes de compreender histórias que vão além do entretenimento simples. Ele acreditava que a literatura infantil deveria abrir caminhos para a reflexão e a formação de cidadãos, e não apenas oferecer lições moralistas. Em suas obras, vemos uma narrativa que respeita a inteligência infantil e promove um diálogo entre gerações.” (Oliveira, 2020, p. 39).

Um dos principais legados de Lobato foi a sua habilidade de adaptar temas universais à realidade brasileira, criando histórias que, embora fantasiosas, estavam profundamente enraizadas no cotidiano nacional. O Sítio do Pica-Pau Amarelo é, ao mesmo tempo, um espaço mágico e uma representação do Brasil rural, com suas dificuldades, riquezas e contradições. Almeida (2021, p. 85) sugere que “Lobato transformou o Sítio em um lugar onde a realidade e a fantasia coexistem, permitindo

ao leitor explorar questões complexas em um ambiente familiar e acolhedor”. Essa habilidade de conectar o extraordinário ao ordinário é um dos fatores que garantiram a longevidade de suas obras.

No entanto, é preciso reconhecer que a visão de progresso e ciência defendida por Lobato, embora revolucionária para sua época, também apresentava limitações. Em muitos casos, sua exaltação da ciência como caminho único para o desenvolvimento acabou por relegar outras formas de saberes e culturas a um papel secundário. Como Silva (1991, p. 44) aponta, “o positivismo de Lobato, ainda que alinhado aos ideais modernizadores de seu tempo, pode ser visto hoje como uma visão reducionista, que não contempla a diversidade epistemológica necessária em um mundo plural”. Essa crítica contemporânea não diminui a importância de sua obra, mas oferece uma oportunidade de reavaliar suas contribuições à luz dos debates atuais.

A literatura infanto-juvenil brasileira deve muito a Lobato, não apenas por sua produção literária, mas também por seu papel como defensor do livro e da leitura. Ele acreditava que a literatura era uma ferramenta poderosa para transformar a sociedade, e essa crença permeia todas as suas obras. Sua influência pode ser vista na geração de autores que o sucederam, muitos dos quais continuam a explorar os caminhos que ele abriu. Como Candido (1981, p. 76) conclui, “Lobato não apenas escreveu livros; ele criou um movimento, uma tradição literária que elevou a literatura infantil a um patamar de relevância cultural e educativa”.

2.4 De racismo a xenofobia: visões sobre a obra hoje

Como dito anteriormente, Monteiro Lobato é uma peça central para a literatura infantil brasileira entre os primeiros a trazer o real do Brasil para as histórias infantis. Sua série o Sítio do Pica-Pau Amarelo é uma obra revolucionária que aproxima o leitor infantil do folclore e da cultura brasileira, fazendo com que as crianças sintam o gosto pela leitura. Porém nas últimas décadas as obras do Lobato tem sido alvo de críticas pelo fato de possuírem personagens considerados pejorativos para a sociedade.

Críticas profundas e duradouras que envolvem não só a obra de Monteiro Lobato, mas a sociedade brasileira e como as diferenças culturais e raciais envolvem estereótipos. Entre as mais frequentes critica-se o tratamento dado a personagens negros, especialmente Tia Nastácia. Como personagem recorrente é a cozinheira e

cuidadora das crianças no sítio, onde Lobato interliga sempre ao trabalho doméstico, possuindo físico forte. Esta personagem de Lobato é descendente do ciclo misturado além de representar uma mãe preta amada, mas com traços amedrontadores. A personagem é associada a trabalho doméstico e até a adoração de orixás. Lobato descreve a personagem com termos ofensivos e degrades.

Figura 3: Livro Reinações de Narizinho

Numa casinha branca, lá no sítio do Pica-pau Amarelo, mora uma velha de mais de sessenta anos. Chama-se dona Benta. Quem passa pela estrada e a vê na varanda, de cestinha de costura ao colo e óculos de ouro na ponta do nariz, segue seu caminho pensando:

— Que tristeza viver assim tão sozinha neste deserto...

Mas engana-se. Dona Benta é a mais feliz das vovós, porque vive em companhia da mais encantadora das netas — Lúcia, a menina do narizinho arrebitado, ou Narizinho como todos dizem.

Narizinho tem sete anos, é morena como jambo, gosta muito de pipoca e já sabe fazer uns bolinhos de polvilho bem gostosos.

Na casa ainda existem duas pessoas — tia Nastácia, negra de estimação que carregou Lúcia em pequena, e Emília, uma boneca de pano bastante desajeitada de corpo. Emília foi feita por tia Nastácia, com olhos de retrós preto e sobrancelhas tão lá em cima que é ver uma bruxa. Apesar disso Narizinho gosta muito dela; não almoça nem janta sem a ter ao lado, nem se deita sem primeiro acomodá-la numa redinha entre dois pés de cadeira.

Além da boneca, o outro encanto da menina é o ribeirão que passa pelos fundos do pomar. Suas águas, muito apressadinhas e mexeriqueiras, correm por entre pedras negras de limo, que Lúcia chama as “*tias Nastácias do rio*”.

Fonte: Lobato, 1933.

O trecho em questão, retirado de uma das obras de Monteiro Lobato, revela um dos aspectos mais debatidos na atualidade sobre o autor: a representação de personagens negros, como Tia Nastácia. Embora Tia Nastácia seja descrita como uma figura carinhosa e presente na vida de Narizinho, ela é reduzida a estereótipos comuns à época, como o de “negra de estimação”, o que reforça a ideia de subalternidade e exotificação dos personagens negros.

A expressão “negra de estimação” é especialmente problemática porque coloca Tia Nastácia em uma posição de objetificação e posse, como se fosse um “bem” da família. Essa escolha linguística reflete uma visão hierárquica de raça presente no Brasil do início do século XX, marcada pelo colonialismo e pela escravidão, que perdurava na forma de práticas e mentalidades discriminatórias.

Além disso, a comparação das pedras do rio com as “Tias Nastácias” sugere uma conexão depreciativa com a aparência física, remetendo à cor e textura das

pedras de limo. Essa analogia pode ser vista como uma tentativa de humor à época, mas carrega consigo traços de desumanização, ao associar características físicas a elementos inanimados. Nos dias atuais, esses trechos são amplamente questionados, pois perpetuam uma visão limitada e desrespeitosa da identidade e da humanidade de pessoas negras. Essa abordagem crítica é essencial para contextualizar e reinterpretar a obra de Monteiro Lobato, reconhecendo sua relevância literária, mas também seus limites éticos e sociais. Assim, é possível incentivar uma leitura mais consciente, que destaque a necessidade de combater preconceitos históricos e promover uma visão mais igualitária das relações humanas.

O termo “negra de estimação” usado para descrever a figura de Tia Nastácia, revela uma mera conotação pejorativa e desumaniza uma personagem que é associada à postura de objeto, de propriedade e facilmente descartável, talvez uma situação comum na época pós-escravidão. Embora seja relevante que Lobato tenha criado uma personagem carismática e essencial ao funcionamento de Sítio do Pica-Pau Amarelo, uma noção de hierarquia e dominação ainda é clara aqui, reforçando estereótipos que dificultam a não-conformação com uma visão menos normativa de posições de poder substituindo a pessoa branca pela negra. O termo “de estimação” não apenas posiciona Tia Nastácia como subalterna, mas formaliza e justifica um papel de servidão e de “lealdade afetiva” que era corriqueiro na descrição de negro nos livros da época. No último dos casos, um retrato parcial e inferiorizado é conferido a personagens negros, limitando a outros o que é diversificado na própria cultura ocidental. Essa questão põe para muitos a importância de ler Lobato, mesmo hoje, contextualizando bem o autor e promovendo o diálogo necessário com as novas gerações em termos de racismo em literatura. (Barreiros, 2022)

Além disso, a figura de Tia Nastácia, embora essencial para o funcionamento do sítio, é sempre colocada em segundo plano em relação aos outros personagens. Essa representação limitada e subordinada reforça a posição da mulher negra em um papel de servidão, que é característico das sociedades da época e dos estereótipos raciais que denegrem a imagem dos negros até os dias atuais.

Olhou aflita para a escada. Bobagens, escada! As onças também trepariam pelos degraus. Seus olhos esbugalhados procuravam inutilmente a salvação. — Trepe no mastro! — Gritou-lhe a Cléo. Sim, era o único jeito — e Tia Nastácia, esquecida dos seus numerosos reumatismos, trepou que nem uma macaca de carvão pelo mastro de São Pedro acima, com tal agilidade que parecia nunca ter feito outra coisa na vida senão trepar em mastros (Lobato, 1933, p. 23, apud Paulo 2023, p.2)

Como tal, este trecho de *Caçadas de Pedrinho* é um dos mais polêmicos e característicos dos discursos raciais presente na obra de Monteiro Lobato. Em primeiro lugar, expressões como “trepando igual uma macaca de carvão pelo mastro” pejorativa de associar o corpo negro a uma forma animalizada e inferior. Por outro lado, a própria comparação de Tia Nastácia a uma “macaca de carvão” é baseada em um estereótipo e associação verdadeiramente históricos, reforçando sua desumanização e status subalterno, mesmo em um contexto ficcional e fantasioso. Esse tipo de representação traz à tona uma discussão sobre o impacto que essas caracterizações podem ter no público infantil. Ao associar certos traços físicos e culturais à inferioridade, as obras acabam perpetuando visões preconceituosas que, mesmo que normalizadas na época, hoje são amplamente contestadas.

Em outra passagem em seus vários contos sobre os personagens do *Sítio do Pica-pau amarelo* tem-se a personagem Emília, a boneca falante, que por vezes é rude e mal-educada com os mais velhos. Em um trecho a boneca fala “Parecem-me muito grosseiras e até bárbaras - coisa mesmo de negra beijuda, como Tia Nastácia. Não gosto, não gosto, e não gosto!” (Bettio, 2021, p. 2)

Outras críticas também recaem sobre as obras, olhando-as através dos olhos nas atuais gerações como xenofobia. No caso de *Jeca Tatu*, personagem retratado em *Urupês*, Lobato apresenta uma visão depreciativa do caipira brasileiro, considerando-o uma figura “parasitária” e “inadaptada”. Essa visão reforça um estereótipo negativo das populações rurais e indígenas brasileiras, muitas vezes vistas como atrasadas ou inferiores. Alguns estudiosos interpretam isso como uma postura xenofóbica, considerando que Lobato valorizava padrões culturais estrangeiros, expressando desdém por elementos da identidade cultural brasileira, especialmente dos grupos que se afastavam de ideais urbanos e brancos.

Em cartas e outros escritos pessoais, Lobato chegou a demonstrar apoio a ideologias eugenistas e a simpatizar com movimentos como a Ku Klux Klan, em um contexto onde ele advogava pela “preservação” da raça branca. Tais afirmações reforçam uma imagem negativa das populações miscigenadas do Brasil, mostrando um autor que, em alguns aspectos, compartilha visões alinhadas com a segregação racial e a eugenia (Jus Brasil, 2015).

Esse panorama sobre as ideias de Lobato suscita debates intensos sobre o valor educacional de suas obras na atualidade. Muitos argumentam que, embora as histórias de Lobato tenham um papel fundamental na formação literária, é essencial

contextualizá-las em sala de aula para que estudantes possam compreender as limitações e preconceitos do período em que foram escritas. Essa abordagem permite que as obras sejam usadas como ferramentas para uma reflexão crítica, não apenas sobre literatura, mas também sobre os aspectos sociais e culturais que perpassam a história do Brasil.

De acordo com o artigo da revista *Veja* pela bisneta do autor “entre 2000 e 2010 houve uma ação contra o livro *Caçadas de Pedrinho*, em que o acusavam de ser racista. Ação esta que resultou na decisão de colocar em catálogo que o livro deveria ser mediado por um adulto” (Lobato, 2021, p. 3). Em meio a tantas questões sobre ser ou não racistas as obras de Monteiro Lobato, elas aos poucos são de certo modo modificadas para os tempos atuais, sem perder é claro a sua essência e riqueza de histórias como mesmo ressalva Izel (2020) quando cita que em meio a mais de 100 anos da obra *Narizinho a menina do nariz arrebitado*, o autor sofre cancelamentos e têm suas obras questionadas sobre importância, influência. A bisneta do autor, afirma que o mesmo não era racista e as expressões utilizadas em suas obras retratavam a forma de expressão da época em que foram criadas, porém concorda que tais expressões não se encaixam bem em pleno século XXI, e, portanto, em reedições da obra do bisavô está reescrevendo estas falas, pois entende que o mundo é outro e estas alterações não atrapalham em nada o contexto da obra.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou analisar a relevância de Monteiro Lobato na formação da literatura infanto-juvenil brasileira, destacando suas contribuições, inovações e também as controvérsias que cercam sua obra. Ao longo da pesquisa, foi possível compreender que Lobato desempenhou um papel transformador na literatura nacional, sendo pioneiro ao integrar elementos do folclore, ciência e crítica social em histórias voltadas para crianças. Sua capacidade de educar por meio da fantasia estabeleceu um modelo literário que continua influente, apesar das mudanças culturais e sociais ao longo do tempo.

A renovação proposta por Lobato se baseou em sua visão de que a literatura infantil poderia ser mais do que um instrumento de diversão. Ele enxergava o livro como uma ferramenta poderosa de formação cidadã e intelectual. Isso se reflete em obras como *O Saci* e *Reinações de Narizinho*, que não apenas entretêm, mas também estimulam a reflexão sobre temas como o comportamento humano, o papel do conhecimento e a preservação do meio ambiente. Essa abordagem visionária, apresentada em um momento em que a literatura infantil no Brasil era pouco desenvolvida, consolidou Lobato como um dos maiores autores do gênero no país.

Por outro lado, a análise de sua obra revela uma dualidade importante. Ao mesmo tempo em que Lobato contribuiu significativamente para a formação do imaginário literário infantil, ele também reproduziu em suas histórias os preconceitos e estereótipos do contexto social em que viveu. A personagem Tia Nastácia, por exemplo, é um símbolo dessa ambiguidade: enquanto ocupa uma posição central nas narrativas do *Sítio do Pica-Pau Amarelo*, sua caracterização reforça estigmas raciais, gerando debates sobre a adequação da obra ao contexto educacional contemporâneo.

A pesquisa demonstrou que a leitura de Lobato precisa ser feita com cautela e contextualização. Reconhecer sua obra como fruto de seu tempo é essencial para entender seus méritos e limitações. Contudo, isso não deve implicar a aceitação acrítica de passagens que perpetuam preconceitos. Pelo contrário, os educadores têm a responsabilidade de introduzir a obra de Lobato no ambiente escolar de forma mediada, destacando suas contribuições, mas também promovendo reflexões críticas que ajudem os alunos a compreender a evolução social e cultural da sociedade brasileira.

Outro aspecto relevante é o impacto de Monteiro Lobato na valorização da cultura brasileira. Ao integrar figuras do folclore nacional, como o Saci, em suas histórias, ele contribuiu para a construção de uma identidade literária que dialogava diretamente com o público infantil do país. Essa valorização do contexto brasileiro, aliada ao uso de uma linguagem acessível e envolvente, é um dos motivos pelos quais suas obras continuam sendo lidas e estudadas até hoje. Contudo, é fundamental questionar como essas representações culturais são apresentadas e se elas refletem ou distorcem a diversidade do Brasil.

As críticas à obra de Lobato também abriram espaço para discussões mais amplas sobre a literatura infantil como um todo. Sua produção nos mostra que o gênero não pode ser visto apenas como um entretenimento inofensivo, mas como um veículo de formação de valores, crenças e comportamentos. Esse aspecto faz com que autores e educadores tenham uma responsabilidade ainda maior ao selecionar e interpretar textos voltados para crianças, reconhecendo seu impacto na formação das novas gerações.

Apesar das limitações apontadas, o impacto de Monteiro Lobato na literatura brasileira é inegável. Ele não apenas moldou os rumos da literatura infantil, mas também influenciou a forma como os livros para crianças são escritos, editados e recebidos pelo público. Sua insistência em criar histórias que respeitassem a inteligência das crianças e abordassem temas relevantes para a formação cidadã estabeleceu um padrão que ainda serve de inspiração para novos autores e leitores.

Monteiro Lobato foi também um precursor na forma como relacionou literatura e pedagogia. Sua visão de que o aprendizado poderia ser integrado à narrativa literária antecipou práticas que hoje são amplamente aceitas no meio educacional, como o uso da literatura como ferramenta para o ensino interdisciplinar. Essa capacidade de unir educação e literatura é um dos legados mais valiosos de sua obra, que continua a influenciar tanto a educação quanto a cultura no Brasil.

Assim, o estudo de Monteiro Lobato permanece relevante, pois levanta questões que vão além da análise literária, incluindo debates sobre representatividade, ética na literatura e o papel do escritor na sociedade. Sua obra, com todas as suas contradições, nos convida a refletir sobre os desafios e responsabilidades de se contar histórias, especialmente quando essas histórias moldam a visão de mundo de leitores em formação.

Por fim, este trabalho conclui que a obra de Monteiro Lobato é um espelho de sua época e, ao mesmo tempo, um marco na história da literatura brasileira. Sua capacidade de inovar, ensinar e provocar debates continua a inspirar estudos e reflexões, evidenciando a importância de contextualizar, criticar e ressignificar suas narrativas. Dessa forma, a literatura infantil brasileira encontra em Lobato não apenas um ponto de partida, mas também um convite permanente ao diálogo e à transformação

REFERENCIAS

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Tradução de Dora Flaksman. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5525040/mod_resource/content/2/ARI%C3%88S.%20Hist%C3%B3ria%20social%20da%20crian%C3%A7a%20e%20da%20fam%C3%ADlia_text.pdf. Acesso em: 20 set. 2024

ABRAMO, Claudia. **Monteiro Lobato em debate**: literatura e sociedade. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

ALMEIDA, Cláudio. **Monteiro Lobato e o desafio da diversidade cultural**. Salvador: Editora Letras Vivas, 2019.

ALMEIDA, Carlos. **Literatura Infanto-juvenil no Brasil**: uma análise crítica. São Paulo: Editora Literária, 2021.

ALMEIDA, Maria do Rosário. **Infância e leitura no Brasil**: uma análise histórica. Belo Horizonte: Autêntica, 2020

BARBOSA, Juliana Lima. **Monteiro Lobato e o imaginário nacional**: uma análise crítica. Rio de Janeiro: Pallas, 2020.

Barreiros, Isabela. **A polêmica de Monteiro Lobato em Sítio do Pica-pau Amarelo**: Homem de seu tempo ou racismo explícito? 2022. Disponível em: <https://aventurasnahistoria.com.br/noticias/reportagem/polemica-de-monteiro-lobato-em-sitio-do-picapau-amarelo-homem-de-seu-tempo-ou-racismo-explicito.phtml>. Acesso em: 2024.

BECKER, Nilza de Campos. **A contemporaneidade de Monteiro Lobato**. Revista Fronteira Z, São Paulo, n. 6, abril de 2011. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/5682078.pdf>. Acesso em: 17 dez. 2024.

BETTIO, Maíra Althoff de. **O negro nas obras de Monteiro Lobato**. 2021. Disponível em: <https://www.lobato.com.vc/2021/01/o-negro-nas-obras-de-monteiro-e-lobato/>. Acesso em: 07 de nov. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Curricular Comum. **Literatura Infantil**: reflexões e práticas. Brasília, 2024. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/implementacao/praticas/caderno-de-praticas/ensino-medio/203-literatura-infantil-reflexoes-e-praticas>. Acesso em 14 out 2024.

CABRAL, João Francisco Pereira. **A educação no Emílio de Rousseau**. 2024. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/filosofia/a-educacao-no-emilio-rousseau.htm>. Acesso em: 07 de nov. 2024.

CANDIDO, A. **A educação pela literatura**: Monteiro Lobato e o leitor infantil. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

CARVALHO, Ana Paula. **O papel social da literatura infantil no Brasil**: de Monteiro Lobato aos dias atuais. São Paulo: Editora Pioneira, 2019.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil: história, teoria e análise**. 2000. São Paulo: Ática

COMPAGNON, Antonie. **O demônio da teoria: literatura e senso comum**. Tradução Cleonice Paes Barreto Mourão; Consuelo Fortes Santiago. 2 ed. Belo Horizonte: UFMG, 2003. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5955285/mod_resource/content/1/Compagnon.pdf. Acesso em: 20 set. 2024

COSTA, Andriolli. **Monteiro Lobato – Jeca Tatuzinho (1925)**. 2018. Disponível em: <https://coleccionadordesacis.com.br/2018/01/24/monteiro-lobato-jeca-tatuzinho-1925/>. Acesso em: 17 dez. 2024.

FERREIRA, Rodrigo. **Literatura e pedagogia: o legado de Monteiro Lobato**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2021.

FRANTZ, Maria Helena Zancan. **O ensino da literatura nas séries iniciais**. 3 ed. Ijuí: UNIJUÍ, 2001. Coleção Educação.

HIGINO CULTURAL. **O Picapau Amarelo – Monteiro Lobato 1973 17 Ed.** 2024. Disponível em: <https://higinocultural.com.br/produto/o-picapau-amarelo-monteiro-lobato-1973-17-ed/>. Acesso em 14 out 2024.

HINTERLANG, Cristina. **Contribuições da literatura de Monteiro Lobato: Um estudo sobre a formação de leitores na perspectiva de docentes do Ensino Fundamental, anos iniciais, da Região Sudoeste do Paraná**. 2012. Disponível em: <https://tede.unioeste.br/bitstream/tede/2516/1/cristina.pdf>. Acesso em 14 out 2024.

IZEL, Adriana. **Bisneta suprime termos racistas em reedição da obra de Monteiro Lobato**. 2020. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/diversao-e-arte/2020/12/4895827-bisneta-de-monteiro-lobato-adapta-os-classicos-da-literatura-ao-contexto-atual.html>. Acesso em: 02 nov. 2024.

JUS BRASIL. **Literatura e racismo: uma análise sobre Monteiro Lobato e sua obra**. 2015. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/noticias/literatura-e-racismo-uma-analise-sobre-monteiro-lobato-e-sua-obra/266742163>. Acesso em: 02 nov. 2024.

LINDAS LENDAS. **Emília, a boneca gente do Sítio do Pica Pau Amarelo**. 2024. Disponível em: <https://lindaslendas.blogspot.com/2009/08/emiliasitio-do-pica-pau-amarelo.html> . Acesso em : 15 dez 2024.

LIMA, Alberto. **Como surgiu a literatura infanto-juvenil**. 2017. Disponível em: <https://www.recantodasletras.com.br/redacoes/790118>. Acesso em: 20 set. 2024

Literatura infantil e juvenil. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2020. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo12152/literatura-infantil-e-juvenil>. Acesso em: 22 set 2024.

LOBATO, Cleo Monteiro. **Obras De Monteiro Lobato Passam Por Atualização Após Acusações De Racismo**. 2021. Disponível em:

<https://www.lobato.com.vc/2021/01/obras-de-monteiro-lobato-passam-por-atualizacao-apos-acusacoes-de-racismo/>. Acesso em: 05 nov. 2024.

LOBATO, Monteiro. **Caçadas de Pedrinho**. São Paulo: Brasiliense, 1933. Disponível em: <https://www.baixelivros.com.br/literatura-brasileira/cacadas-de-pedrinho>. Acesso em: 17 dez. 2024.

_____. **Emília no País da Gramática**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1934. Disponível em: <https://www.baixelivros.com.br/literatura-brasileira/emilia-no-pais-da-gramatica>. Acesso em: 17 dez. 2024.

_____. **História das Invenções**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1935. Disponível em: <https://www.baixelivros.com.br/literatura-brasileira/historias-das-invencoes>. Acesso em: 17 dez. 2024.

LOPES, Suellen. **A importância da literatura de monteiro lobato no ensino fundamental**. 2012. Disponível em: <https://www.uel.br/ceca/pedagogia/pages/arquivos/2012%20SUELLEN%20LOPES.pdf>. Acesso em: 14 out 2024.

MACHADO, Ana Maria. **Como e Por que ler os clássicos universais desde cedo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

NASCIMENTO, Júlia. **Sítio do Picapau Amarelo**: um universo literário multifacetado. Recife: Editora Saber, 2015.

OLIVEIRA, Márcia. **Monteiro Lobato e o público infantil**: diálogos críticos. Belo Horizonte: Editora Leitura Ativa, 2020.

OLIVEIRA, C. K. B. **Dimensões Pedagógicas no Sítio do Picapau Amarelo**. 2018. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2018. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/35026/7/2018_tese_ckboliveira.pdf. Acesso em: 17 dez. 2024

PAULO, Taís Fernandes. **Racismo na obra lobatiana**: uma análise do livro *Caçadas de Pedrinho*. 2023. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/23/10/racismo-na-obra-lobatiana-uma-analise-do-livro-cacadas-de-pedrinho>. Acesso em 05 nov. 2024.

RAMOS, Livia. **O folclore e a literatura infantil brasileira**. Rio de Janeiro: Editora Cultura Viva, 1998.

RANGEL, João. **A obra de Monteiro Lobato e a questão do homem do campo no Brasil**. São Paulo: Editora Cultural Brasileira, 2017.

REVISTA GALILEU. **10 fatos sobre Monteiro Lobato, criador do Sítio do Picapau Amarelo**. 2018. Portal G1. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Cultura/noticia/2018/04/10-fatos-sobre-monteiro-lobato-criador-do-sitio-do-picapau-amarelo.html>. Acesso em 05 nov. 2024.

SANTANA, Eliane Santana Dias Debus. **O leitor, esse conhecido: Monteiro Lobato e a formação de leitores.** 2001. Disponível em: <https://monteirolobato.com/documentos/2023/tese-doutorado-Eliane-Santana.pdf>. Acesso em: 17 dez. 2024.

SANTOS, Renata. **A literatura de Lobato no século XXI: desafios e perspectivas.** São Paulo: Ática, 2021.

SANTOS, Luzineide Carvalho dos. **Atração e medo da criança na literatura infantil.** 2021. Disponível em: <https://revista.faculdadeitop.edu.br/index.php/revista/article/download/383/298/>. Acesso em: 10 dez 2024.

SILVA, Aline Luiza da. **Trajetória da literatura infantil: da origem histórica e do conceito mercadológico ao caráter pedagógico na atualidade.** 2008. Disponível em: https://www.bing.com/search?pglt=43&q=surgimento+da+literatura+no+mundo+e+a+importancia+da+literatura+infanto+juvenil&cvid=881190a6e8cf483ba84c0b8b94fb72a5&gs_lcrp=EgRIZGdIKgYIABBFdKyBggAEEUYOdIBCTEzODk0ajBqMagCCLACAQ&FORM=ANNTA1&PC=U531. Acesso em: 11 out 2024.

SILVA, Fernando. **Monteiro Lobato e o pensamento científico no Brasil.** Porto Alegre: Editora Nova Era, 1991.

SILVA, Ricardo Augusto. **Monteiro Lobato: crítica e perspectivas contemporâneas.** Rio de Janeiro: Pallas, 2015.

SOUSA, Maria Jucinéia Oliveira. **Contribuições da literatura infanto-juvenil na formação dos leitores literários.** 2014. Disponível em: https://bdm.ufpa.br/jspui/bitstream/prefix/6364/1/TCC_ContribuicaoLiteraturaInfanto.pdf. Acesso em: 11 out. 2024.

SOUZA, Flávia. **Representações e estereótipos na literatura infantil brasileira.** Rio de Janeiro: Editora Ponto e Vírgula, 2018.

SOUZA, Juliana. **Entre o encanto e a crítica: releituras de Monteiro Lobato.** Recife: UFPE, 2020.

SOUZA, Warley. **Monteiro Lobato; Brasil Escola.** Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/biografia/jose-bento-monteiro-lobato.htm>. Acesso em 17 de dez. 2024.

ZILBERMAN, Regina.; MAGALHÃES. L. C. **Literatura Infantil: Autoritarismo e Emancipação.** 3ª edição. São Paulo. Editora Ática. 1987.